

EXPANSÃO GEOECONÔMICA DA MULTINACIONAL JBS NO MERCOSUL (2005-2023)

João Vitor Dante Scomparim¹

RESUMO:

Neste artigo, o objeto de análise é a internacionalização e o expansionismo da multinacional brasileira JBS no Mercosul neste início de século XXI, sobretudo nos anos de 2005 a 2017. O artigo propõe investigar a trajetória da multinacional sob a ótica do desenvolvimento econômico brasileiro, orientado pelo seguinte questionamento: foi vantajoso o Estado brasileiro investir na empresa que, futuramente, se tornaria uma grande multinacional do ramo alimentício? Recorreu-se à Harvey (2004) para contextualizar as mudanças no capitalismo monopolista nas últimas décadas; também à Belluzzo (2013) e Belluzzo e Galípolo (2019) para entender a financeirização e a preferência pela riqueza já existente, em vez dos investimentos produtivos novos, que caracterizam a fase neoliberal do capitalismo. Também foi abordado o papel estimulador do Estado brasileiro, via BNDES, a partir da leitura de Rocha (2018) e Souza (2021; 2010). Para coleta de dados empíricos, foram acessados relatórios anuais do grupo. Não se buscou julgar bom ou ruim a política de financiamento do BNDES para expandir o grande conglomerado empresarial da JBS, e sim refletir sobre os limites ao desenvolvimento nos países da América do Sul. Do ponto de vista econômico, o objetivo de criar uma grande multinacional brasileira foi alcançado.

Palavras-chave: Internacionalização; Expansionismo; BNDES; JBS; Governos PT.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo a internacionalização e o expansionismo da multinacional brasileira JBS na região do Mercosul, neste início de século, sobretudo nos anos de 2005 a 2017, além de breves considerações acerca da situação recente do grupo (2023/24). Propõe-se uma investigação acerca da trajetória da multinacional sob a ótica do desenvolvimento econômico brasileiro, orientado pelo seguinte questionamento: foi vantajoso, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, o Estado brasileiro investir na empresa que, futuramente, se tornaria uma grande multinacional do ramo alimentício?

A JBS S.A. é uma das empresas da holding brasileira “J&F” que atua principalmente no setor alimentício com foco em produção à base de proteínas e uma das líderes globais do ramo, atuando também na produção de produtos de higiene pessoal, couros, celulose e energia. A sede da holding se localiza em São Paulo - SP e a Companhia toda se distribui em mais de 20 países ao redor do mundo.

¹ Geógrafo, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Rio Claro.

O sucesso da empresa deve ser analisado com cautela. Sua trajetória até se tornar o maior grupo produtor de carne bovina no mundo passa por contextos políticos e econômicos conturbados no Brasil, em uma história que reuniu a atuação de atores estratégicos do Estado brasileiro como o BNDES, escândalos de corrupção e pagamento de propina envolvendo a empresa e indivíduos do governo em períodos recentes. Ademais, suas estratégias de crescimento econômico, a partir da aquisição das plantas frigoríficas em outros países, conta com uma estrutura logística que visa a distribuição de seus produtos e um portfólio variado, não se restringindo a uma mercadoria apenas. Desse modo, alguns estudos indicam o êxito da JBS a partir desses apontamentos.

A princípio, segundo Vinhal (2020), a dinâmica de internacionalização se coloca como um instrumento fundamental para o fortalecimento de qualquer grande empresa por meio do aumento de sua competitividade no mercado mundial (Vinhal, 2020). Nesse sentido, a autora afirma que o agente Estado atua diretamente na dinâmica expansionista na medida em que fornece os mecanismos para que a expansão se concretize, estabelecendo relações entre governo e empresa, fator (Estado) muito presente no caso da JBS. Essa política dos Estados de fomentar o desenvolvimento econômico através da estratégia de internacionalização de grupos econômicos faz parte da história do desenvolvimento capitalista, mesmo na periferia do sistema.

Vieira (2019) aponta práticas de cunho político da parte da empresa JBS, que atuaram de modo a favorecer sua influência no cenário econômico brasileiro dentro do setor do agronegócio, facilitando a sua expansão pelo território brasileiro e fora do país, como o financiamento de candidatos políticos e pagamento de propina a deputados para que aprovassem leis que favorecessem o setor, além de propina para a aprovação de crédito via BNDES. Na Argentina, a escolha de adquirir um frigorífico da Swift Armour via financiamento do banco estatal brasileiro foi uma escolha estratégica. O país vizinho era um dos maiores produtores mundiais de carne e possuía grandes rebanhos de gado com ótima qualidade onde se localizava a unidade da Swift. Desse modo, a empresa passou a comercializar carnes de ótima qualidade e uma das maiores empresas produtoras dentro do território Argentino (Vieira, 2019).

Dispondo de unidades processadoras dentro da América do Sul e em outros países como Estados Unidos e Austrália, a JBS realizou sua expansão territorial de modo que permitiu acessar grandes mercados consumidores ao redor do mundo. Além disso,

adotou a estratégia expansionista de integração vertical, ou seja, quando a mesma empresa domina mais de uma etapa da cadeia produtiva da mercadoria. Vieira (2019) destaca:

[...] A JBS possui negócios para a criação de animais em vários estados do Brasil, no Canadá, Austrália, possui frota de veículos para transporte dos animais e da carne resfriada, plantas de abate e industrialização, empresas para realizar a produção dos subprodutos da carne (couros, por exemplo) e ainda importantes canais de comercialização, como centros de distribuição e lojas especializadas (Vieira, 2019, p. 111).

Posto isso, a empresa que começou suas atividades com um pequeno açougue em Goiás nos anos 50 do século XX se tornou, com muita articulação política e pesados investimentos, inclusive do Estado brasileiro, a maior empresa privada não financeira do país em faturamento, sendo superada apenas pela Petrobrás (empresa de capital misto) e uma potente empregadora.

Segundo Alvarenga e Gazzoni (2017), em 10 anos, entre 2006 e 2016, o grupo teve um crescimento de R\$4 bilhões para R\$160 bilhões em seu faturamento anual (Alvarenga; Gazzoni, 2017). É difícil uma empresa capitalista, ainda mais oriunda de um país que ocupa posição intermediária na economia mundial, ter esse nível de expansão de capital apenas via mecanismos de mercado, de modo a comercializar seus produtos organicamente até alcançar projeção internacional. Pelo menos, tendo em vista a rapidez e o estágio em que a empresa se encontra atualmente, atuando quase como um monopólio do setor (talvez a Minerva chegaria mais próxima de uma concorrente), o fator política assemelha crucial.

Em linhas gerais, é essa faceta que Vieira (2019) analisa o sucesso do grupo no Brasil e fora. O autor não desenvolveu sua pesquisa visando uma defesa do grupo, e sim destacar como a forte influência do Estado, com interesses na expansão do capital em um setor econômico em que as classes dominantes do país, historicamente construídas e consolidadas, possuem força e capacidade de determinar parte da matriz econômica brasileira e de concorrer no mercado mundial. É desse modo que o autor demonstra o favorecimento por parte do Estado brasileiro que permitiu o crescimento da JBS.

Por outro lado, há rigorosos argumentos explicando que o financiamento ao agronegócio não demonstra ser um modelo de desenvolvimento econômico a ser seguido, e a JBS e seus principais negócios estão inseridos neste setor. Mitidiero e

Goldfarb (2021), por exemplo, indicam a inexistência de desenvolvimento econômico a partir do setor, visto que se mantém uma relação de dependência e as trocas comerciais desiguais com os países capitalistas centrais. Além disso, do ponto de vista socioambiental, o agronegócio é um dos principais fatores de destruição, desmatamento de florestas nativas (no caso, para a criação de gado produzido por terceiros e aquisição dele pela empresa), modificando o solo, utilizando grandes quantias de água para a produção da carne até seu destino (Mitidiero Jr.; Goldfarb, 2021).

2. METODOLOGIA

Quanto à metodologia utilizada, primeiramente, deve-se observar que, no que concerne à dimensão analítica, procurou-se realizar uma pesquisa qualitativa, recorrendo essencialmente à pesquisa bibliográfica, à luz do referencial teórico (teoria crítica do capitalismo) e das perguntas da pesquisa, no caso, a questão principal foi: quais as vantagens, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, do Estado brasileiro investir na empresa que, futuramente, se tornaria uma grande multinacional do ramo alimentício?

De todo modo, inicia-se pela contextualização das transformações recentes no sistema capitalista, adotando como referencial teórico a teoria do desenvolvimento geográfico e desigual do capitalismo de Harvey (2002; 2004). A partir do mesmo referencial, Souza (2021) argumenta que na etapa atual do processo de acumulação capitalista em países dependentes, como os da América do Sul, tornou-se mais difícil o desenvolvimento industrial devido à alta competitividade de países do centro do capitalismo e de países asiáticos. Concomitantemente surge a alta demanda de commodities (minério de ferro, soja e carne bovina) pela gigante asiática China em plena ascensão industrial e tecnológica, estimulando a especialização produtiva brasileira no setor primário.

Nesse contexto, a política do Estado brasileiro incentivará setores já com potencial competitivo no mercado global. Recorremos a Harvey (2004; 2008) para compreender as mudanças no capitalismo monopolista nas últimas décadas; assim como a Belluzzo (2013) e Belluzzo e Galípolo (2019) para entender a financeirização; e aos três autores (Harvey; Belluzzo; Belluzzo e Galípolo) para sublinhar a preferência pela

aquisição da riqueza já existente (via privatizações, fusões e aquisições), em vez dos investimentos produtivos novos, o que, segundo os três autores mencionados, caracteriza o capitalismo neoliberal. Outro autor consultado foi Boito Jr. (2013), que entende que os governos do PT foram neodesenvolvimentistas, sendo o “neo” é usado para diferenciar do nacional-desenvolvimentismo industrialista do século XX, agora seria o desenvolvimentismo possível na fase neoliberal do capitalismo, na qual a centralidade da indústria de transformação cederia espaço aos setores ligados às exportações de commodities.

Já para melhor entender o papel do Estado brasileiro via BNDES, o banco público de desenvolvimento que já foi a maior ferramenta de viabilização da industrialização no país, como agente crucial de internacionalização da JBS, consultou-se Rocha (2018) e Souza (2021), que analisaram o papel do BNDES no desenvolvimento econômico dos governos do PT.

Para a coleta de dados empíricos, foram acessados os relatórios anuais do grupo JBS disponíveis na central de downloads de seu próprio site, além de matérias de jornais que envolvem a empresa e que se julgou necessário pontuar o assunto em questão. Os dados foram analisados e organizados em tabela, gráfico e um mapa representando sua presença nas diversas províncias dos países sul-americanos com unidades adquiridas pela JBS. Outra fonte de dados acessada para verificar os valores dos investimentos realizados pelo BNDES no processo de expansão do grupo foi o BNDES Transparência.

3. A TRAJETÓRIA INICIAL DA EMPRESA

A empresa começou sua história em 1953 na cidade de Anápolis - GO, no Centro - Oeste brasileiro, como Casa de Carnes Mineira. Com uma pequena planta de capacidade de abate de 5 cabeças de gado por dia, José Batista começou sua trajetória numa empresa da pecuária que se tornaria, décadas depois, indústria líder nacional em seu setor econômico. Atualmente com mais de 250 mil colaboradores ao redor do globo, a JBS é a maior do mundo em produção de alimentos à base de proteína, possuindo um amplo portfólio de produtos com diversas marcas mundialmente reconhecidas, como Friboi, Swift, Seara, Doriana, Pilgrim's entre outras (JBS, 2023). Atuando também na

produção de negócios correlacionados, como couro, biodiesel, colágeno, higiene pessoal e limpeza, reciclagem e gestão de resíduos, a companhia atualmente busca promover a sustentabilidade ambiental de sua cadeia produtiva.

Nos anos 50 do século XX, com a construção da nova capital brasileira (Brasília) do zero, o espaço que se tornaria urbanizado geraria uma demanda de setores da economia, dentre eles o alimentício, o que culminou numa oportunidade única ao pequeno empresário José Batista Sobrinho de começar a expandir seu negócio. “Quando a construção do Distrito Federal de Brasília começou, o Zé Mineiro acompanhou como fornecedor de carnes para os trabalhadores e empresas que foram para a região construir a nova capital federal. Nos primeiros anos já fornecia carne bovina para 13 construtoras” (Vieira, 2019, p. 65). Cabe salientar que o agente Estado atuou como gerador de demanda, indutor do crescimento econômico e da reprodução do capital, possibilitando, de forma indireta, a abertura de novos mercados ao negócio da carne de Zé Mineiro, como pôde ser observado nos anos 1950 e 1960. Na primeira década do século XXI esse movimento por parte do Estado de fortalecer a expansão da empresa também ocorreu, porém de uma maneira distinta que será abordada mais adiante. Vieira (2019) destaca o importante papel do Estado brasileiro na territorialização inicial dos negócios:

Vale a pena notar como o crescimento da companhia dependia de favores do governo, bem como a própria expansão da capital. Friboi cresceu com a cidade. Outro fator indicador do futuro foi a conquista de integração horizontal e vertical, quer dizer, seu controle dos frigoríficos da região da capital e sua predominância do mercado do Distrito Federal com a compra de uma cadeia de açougues. Ambas as estratégias – o controle da produção, processamento e venda de produtos bem como relações de proximidade com políticos e aproveitamento de políticas – continuaram sendo chaves para o sucesso da empresa (Vieira, 2019, p. 66).

Assim, ao se tornar um importante fornecedor de carnes para as empreiteiras responsáveis pelas obras, a pequena empresa de José Batista começa a expandir suas atividades e criar capacidades de explorar negócios em outras regiões do país a partir da aquisição de açougues e frigoríficos no Centro-Oeste: Formosa - GO em 1970, Planaltina - GO na década de 80, Luziânia - GO em 1988, todos próximos ao Distrito Federal.

É interessante evidenciar o momento em que o portfólio de produtos começa a se ampliar, visto que hoje o conglomerado da JBS não atua apenas na produção de proteínas

animal, mas também na produção de itens de higiene pessoal e limpeza, couro, biodiesel, colágeno, gestão de resíduos sólidos, como dito anteriormente. Isso se dá em 1988 com a aquisição da unidade de Luziânia; “com a aquisição de Luziânia, a família começou a diversificar os produtos. Nesta unidade havia uma graxaria, onde eram coletados os resíduos dos animais abatidos e destinados à produção de sabão, entre outros produtos de higiene e limpeza” (Vieira, 2019, p.66).

Nos anos 1990 se observa continuidade ao processo de expansão nacional. Alguns municípios no Estado do Mato Grosso, o Estado maior produtor de bovinos no país, como Cáceres, Barra do Garças, Iturama e Pedra Preta, receberam investimentos da Friboi (antes de se tornar JBS) para aquisição de unidades da Sadia, Bertin, Bordon, passando a atuar com maior força em outra região. Assim, junto com aquisições no Estado de São Paulo (forte mercado consumidor), isso representou uma estratégia para que conseguissem dominar o mercado doméstico da carne num momento pré-internacionalização.

Essa contextualização da trajetória inicial da JBS é relevante para se compreender a chegada do período em que se iniciam os processos para sua internacionalização em 2005 e a expansão do grupo no Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai) já que se procura estabelecer quais vantagens e benefícios, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, tecnológico, da geração de empregos (se houve) o grupo levou até esses países. Além disso, também busca-se adentrar na esfera da integração regional e discutir brevemente, sob essa ótica, se houve avanços nas relações econômicas entre as nações. Pois entende-se que é só via essa aproximação que todos os países poderão desfrutar de prosperidade econômica, o que demanda boa articulação política entre os Estados em questão e seus respectivos governantes.

Todas as marcas sobre o domínio da JBS, que está sob controle da J & F Investimentos (abreviação para José e Flora), a maior holding brasileira, conforme dados do site da Holding:

A J&F é o maior grupo empresarial do Brasil, com operações em mais de 20 países e 300 mil colaboradores, dos quais 180 mil estão sediados no Brasil. Com uma história que teve início em 1953, o grupo controla um portfólio diversificado de empresas atuando nos setores de alimentos, celulose, energia, mineração, serviços financeiros, comunicação, cosméticos, higiene e limpeza e óleo e gás, totalizando receita líquida de R\$ 434 bilhões, em 2024. (J&F, 2026, p.1)

Aumentar sua gama de produtos e serviços fez parte do planejamento estratégico do grupo para, num primeiro momento, garantir sua soberania no mercado doméstico agregando mais valor e fortalecer suas marcas para, em seguida procurar mercados externos e, inicialmente, mais próximos do ponto de vista geográfico e com características semelhantes, como cultura e economia. Feito esse panorama do início e crescimento da empresa, falaremos agora sobre a dinâmica e atores envolvidos no processo de internacionalização a partir de 2005 até se tornar a gigante transnacional brasileira que é hoje.

4. INTERNACIONALIZAÇÃO EM 2005

Num mundo globalizado onde o capital procura penetrar nos territórios externos para que sua reprodução e expansão ocorra de modo a sustentar o modelo produtivo dominante, a internacionalização de empresas materializa esse processo na medida em que novos mercados são procurados para elas se alocarem. Sendo assim, a criação de parcerias econômicas e acordos multilaterais entre os países se consolidam no âmbito das relações internacionais para que assim as nações se estabeleçam na economia mundial como fornecedoras de determinados produtos e serviços.

Para intermediar e estender os negócios da empresa para fora do país, um grande agente financeiro público do Brasil desempenhou função estratégica em todo o processo, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Através dessa exposição pode-se observar como o Estado brasileiro desempenhou um perfil de sustentação do setor primário da economia, como o agronegócio no caso, para a especialização em exportação de commodities e produtos de menor intensidade tecnológica, ou seja, condicionando a reprimarização da economia. Um movimento que ocorre desde o final dos anos 1970, mas com crescimento acentuado no início do século XXI em função da emergência econômica da China, que desencadeou o chamado “boom” das commodities, favorecendo países da periferia do capitalismo que, baseado na divisão internacional do trabalho, atuam na produção e exportação de matérias primas e produtos básicos da economia (de menor valor agregado).

O fato é que neste século cresceu o peso dos produtos primários na pauta exportadora do Brasil e a participação do setor no PIB, enquanto diminuiu a participação da indústria de transformação.

Em 2005, a JBS (ainda Friboi) realizou um empréstimo junto ao BNDES para a aquisição de uma unidade de frigorífico da Swift-Armour na Argentina, empresa criada em 1907 e líder de exportação de carne bovina no país vizinho até então. Segundo relatório anual do BNDES, naquele ano, o banco operou o financiamento de R\$187 milhões para a aquisição de 75% do capital do frigorífico Swift-Armour na Argentina pela Friboi (BNDES Transparência). A operação fazia parte da diretriz da política econômica do governo à época de internacionalizar grandes empresas brasileiras “escolhidas” pelo governo e com capacidade de competir internacionalmente, uma vez que já eram consolidadas no mercado interno como grandes competidoras.

A liberação de um empréstimo dessa magnitude não seria facilmente aceita. Para isso, a aproximação política da empresa com o governo federal foi crucial para o avanço das negociações naquele momento, mas amparado e legitimado pela política do governo federal, por meio sobretudo do BNDES e a denominada política das “campeãs nacionais” (Vieira, 2019).

A presença de uma economia global interligada facilita a expansão de empresas em um cenário internacional e amplia o potencial de atuação das empresas, que está relacionada diretamente com as estratégias utilizadas no processo de internacionalização (Belisario, 2021). Estender as atividades de forma estratégica foi a adotada pelo grupo, visto que buscou primeiramente adentrar mercados e realidades econômicas parecidas com a do Brasil. Para isso, buscou então cenários no Mercado Comum do Sul (Mercosul), de forma gradual e de modo a investir na criação e abate de animais em larga escala. O bloco econômico é uma potência no setor agrícola, portanto a companhia se aproveitou de vantagens competitivas como elevada taxa de circulação de bens, serviços e fatores produtivos em grande escala além de redução e isenção de tarifas fiscais, custo operacional e logístico no transporte e distribuição de seus produtos dentro do bloco como estratégias no processo de expansão (Belisario, 2021).

Entende-se aqui que toda a movimentação do grupo e agentes envolvidos para sua expansão começa com a aquisição de uma planta frigorífica, e não a construção de uma nova, assim como a grande maioria das outras plantas no país. Essa distinção é

importante para que se entenda a complexidade do processo expansivo da JBS ao objetivar sua consolidação no mercado regional da carne.

Dessa perspectiva, evidencia-se os interesses principais do grupo, visando aumentar o fluxo de capitais em escala global, porém com a geração de empregos no país ou algum tipo de desenvolvimento (econômico, tecnológico, social) ficando para segundo plano. Segundo Vieira (2019), o único investimento que a JBS fez na Argentina foi a construção de um centro de distribuição – na localidade de Pilar (província de Buenos Aires) – que iniciou suas obras em 2009 e foi inaugurado no ano seguinte. Em 2007 e 2008, ocorreu a expansão para os Estados Unidos e Austrália, respectivamente, ao adquirirem a Smithfield Beef e a National Beef nos Estados Unidos e a Tasman Group na Austrália. Todas as operações consolidam a mundialização da companhia e a ampla dispersão geográfica ao reafirmar sua presença em países com grandes mercados consumidores e produtores de carne, o que a elevará como player internacional e ocupando a primeira posição de empresas do setor frigorífico (JBS, 2010).

Com a aquisição do Tasman Group, a comercialização na Austrália, agora com uma planta industrial de alta capacidade produtiva, o grupo passou a vender em países asiáticos com destaque para China, Coreia do Sul, Indonésia, Taiwan e Japão (JBS, 2008), inaugurando os negócios no mercado asiático em crescente ascensão econômica, o que demandaria uma gama de produtos e serviços para serem abastecidos, como os do setor alimentício. A localização de frigoríficos em países desse continente foi parte da estratégia espacial da empresa para acessar mercados de muita relevância para consumo de suas mercadorias. Em 2010, já comercializava produtos in natura, processados e industrializados de carne em mais de 100 países, segundo relatório anual da empresa.

Os países alvo do grupo nessa primeira fase de expansão internacional foram selecionados principalmente por serem, à época, os quatro maiores produtores mundiais de proteína bovina. Nesse sentido, sob a perspectiva de Aurélio Neto (2019), o autor considera:

[...] Os locais são escolhidos com base em suas condições físicas, infraestrutura, abertura comercial e outras vantagens que permitam a empresa maior inserção e aproveitamento do território estrangeiro. Entre essas vantagens temos a mitigação dos efeitos de barreiras comerciais, como se verificou no caso da multinacional JBS (Aurélio Neto, 2019, p. 21).

No Paraguai, já em 2016, investiu na construção de um novo frigorífico, localizado em Belén (Departamento de Concepción), com o intuito de atender mercados externos (Rússia, Chile, Israel, Brasil etc.) (Aurélio Neto, 2019). Segundo relatório da empresa, o novo empreendimento no país vizinho teria a capacidade de abater 1,2 mil cabeças de gado diárias, garantindo o aumento da capacidade de abate no país e o crescimento dos lucros oriundos de exportação, visto que aproximadamente 85% da produção de carne bovina no Paraguai é exportada.

Além disso, com um investimento de US\$80 milhões, o frigorífico seria equipado de máquinas com tecnologia de ponta, assegurando alta produtividade e o padrão JBS de qualidade, gerando cerca de 1000 empregos diretos e 3000 no total (JBS, 2015). Uma grande novidade na forma de atuar e canalizar seus investimentos, visto que quase todas as inversões anteriores nos países vizinhos foram aquisições de frigoríficos já existentes, o que influi no modo de interpretarmos a atuação da empresa no que diz respeito ao desenvolvimento econômico do país e fortalecimento do bloco econômico, aproximando os países envolvidos.

5. A POLÍTICA DE INCENTIVO DO BNDES À FORMAÇÃO DE EMPRESAS CAMPEÃS NACIONAIS

A expansão econômica de grandes empresas brasileiras é um processo que se observa com maior intensidade e ganha força a partir dos anos 1990 e início do século XXI, em função das políticas governamentais de fomento à expansão de capital nacional e à internacionalização desse capital, inicialmente em países e regiões estratégicas como a América Latina. Boa parte da internacionalização destas empresas (como a JBS, por exemplo), ocorre em um momento de retomada das discussões acerca do papel que o Estado brasileiro exerce para dinamizar o desenvolvimento econômico da nação, com maior seriedade em governos à esquerda no espectro político (Rocha, 2018).

Eleita pela política externa brasileira nos governos Lula I e II (2003-2010), a região da América Latina para receber as empresas que se tornaram multinacionais brasileiras, foi incluída na agenda política e econômica do Brasil como prioridade, visto que apresenta proximidade geográfica, grande mercado consumidor, um bloco econômico

capaz de favorecer as nações envolvidas (Mercosul), ou seja, vantagens econômicas que permitem às empresas a circulação, reprodução e expansão de seu capital, além da integração regional (para orientar fluxos de saída de capital brasileiro à região) como estratégia de desenvolvimento e inserção internacional para países em desenvolvimento como o caso brasileiro, podendo abrir novas perspectivas para projetar a indústria nacional no exterior. Desse modo, algumas práticas e ferramentas de Estado, como o BNDES, foram empregadas para dar apoio à internacionalização de grupos nacionais, Estado brasileiro que atua, portanto, como agente colaborador do desenvolvimento.

O próprio governo à época, através de seus ministérios responsáveis pelo desenvolvimento econômico do país, apontava o BNDES como ferramenta para expandir o capital das empresas brasileiras:

O principal instrumento apontado para dar suporte à internacionalização empresarial é o BNDES por meio de financiamento das “operações de internacionalização e de fortalecimento da estrutura empresarial das empresas brasileiras” - além da criação de subsidiárias no exterior (MDIC, 2008, p. 29).

Utilizado amplamente durante os mandatos de Lula, o banco estatal atuou como braço fundamental quando se trata de políticas de fortalecimento de alguns grupos econômicos, tanto no âmbito nacional quanto nas relações exteriores. Souza (2021) argumenta que o governo Lula operou dentro dos limites da condição capitalista dependente brasileira, mantendo assim uma estrutura econômica incapaz de romper tal condição e elevar o Brasil a uma posição central no sistema capitalista global. Sua relevância econômica impactou bem mais as relações Sul-Sul com países vizinhos, principalmente do bloco Mercosul. Desse modo, a denominada política das “campeãs nacionais”, visava a formação de grandes empresas brasileiras nos setores de commodities, tornando-as grandes competidoras em seu território de origem e sua posterior internacionalização através de financiamentos (Rocha, 2018). Ademais, se destaca por ser o principal órgão brasileiro capaz de realizar investimentos de tal natureza e a longo prazo. Ademais, para Novoa Garzon (2017), a política do banco não buscou explorar setores com capacidade de transferência tecnológica, mas sim, investir em setores com uso intensivo de recursos naturais visando combater efeitos da crise econômica global de 2008.

É nesse sentido que Rocha (2018) afirma que o BNDES foi um braço político principalmente nos governos Lula I e II na medida em que foi se construindo um maior interesse político em viabilizar grandes obras de infraestrutura no Brasil e fora, esses governos atuaram como o principal articulador dos processos e financiador, arcando com boa parte dos custos. As obras de infraestrutura teriam preparado o “terreno” para a posterior internacionalização de companhias nacionais e que já estavam estabelecidas no território como atores dominantes em seu mercado de atuação, a exemplo da JBS (Rocha, 2018).

6. JBS, A ESCOLHA POSSÍVEL?

Em termos gerais, segundo Mazat e Mungiolli (2019), a estrutura de classe e as condições políticas internas e externas vão engendrar as condições do desenvolvimento empresarial num país periférico e sua inserção no sistema capitalista mundial. No caso brasileiro, quando houve a tentativa, no início do século XXI, de construir uma política de desenvolvimento econômico que promoveu por exemplo a internacionalização do grupo JBS, o órgão de Estado responsável pelo financiamento de tal política (BNDES) “acabou por centralizar os recursos em poucos grupos empresariais, gerando uma concentração de poder e renda, beneficiando por fim grandes empresários do capital brasileiro” (Mazat; Mungiolli, 2019, p. 21).

Entretanto, propõe-se discutir a escolha da JBS como uma das possíveis e mais seguras escolhas para a execução da política visada, visto a necessidade de inserir o país no sistema produtivo global, um país periférico e dependente economicamente, de uma forma mais intensa e ambiciosa, ao tentar selecionar o setor de atuação do grupo, sobretudo o frigorífico no qual o Brasil já era competitivo antes da internacionalização da empresa em 2005.

Como observam Mazat e Mungiolli (2019), os grupos empresariais que possuem poder econômico e capital capazes de competir internacionalmente não surgem e se estruturam rapidamente, conquistando espaços de relevância no sistema capitalista e atuando na formação de monopólios. Neste sentido:

Em termos concretos, a criação de grandes conglomerados com poder de ação internacional andou junto da política econômica dos

países que se desenvolveram dentro do sistema capitalista mundial. Isso se deve a questões relativas à infraestrutura produtiva, mas também a questões institucionais e de articulação social (Mazat; Mungioli, 2019, p. 26).

Estes grupos também se consolidam internacionalmente como fortes competidores ao garantir certas vantagens de mercado em relação aos concorrentes, como desenvolver novos produtos e negócios. Dessa forma, a empresa passa a contar com vantagens estratégicas ao apresentar um portfólio variado de produtos, como é o caso da JBS. Os ganhos da empresa, desde o governo Juscelino, se justificam para a constituição de um grande conglomerado empresarial, sendo o setor frigorífico o seu principal ramo.

Ademais, nota-se na leitura a importância conferida pelos autores (Mazat; Mungioli; 2019) às políticas econômicas de incentivo à criação de grandes conglomerados empresariais quando se trata do aumento do Produto Interno Bruto da nação, além da inserção gradual do país periférico nas cadeias produtivas globais e dos territórios econômicos ofertando o determinado produto. Entretanto, não desconsideram a problemática do caráter monopolista que compõe as relações capitalistas de produção no globo, principalmente as consequências à sociedade no que se refere à oferta de bens e serviços sob valores acessíveis, resultando na perda de bem-estar aos consumidores.

Considerando que o desenvolvimento em países subdesenvolvidos, na visão de Mazat e Mungioli (2019), só seria possível se encabeçado por grandes empresas com capacidade de incorporar tecnologias que permitem as operações em grande escala, conjuntamente ao apoio e organização de mecanismos financeiros com poder de apoiar as empresas, a análise para constatar os meios de crescimento econômico de um país devem levar em conta “os aspectos históricos, culturais e institucionais que permitem a sua integração ao sistema capitalista e, principalmente, em que condições se dará essa integração” (Mazat; Mungioli, 2019, p. 34). Desse modo, os autores colocam que a produção de commodities em grande escala não é necessariamente prejudicial para um país que busca desenvolver suas forças produtivas. No entanto, foi através do setor de indústria pesada e tecnologia que as nações, historicamente, conquistaram certa autonomia política e econômica.

Coloquemos então, brevemente, o contexto político e econômico brasileiro à época de tramitação e aplicação da política de campeãs nacionais pelo BNDES, que favoreceu o grupo JBS.

Durante todo o século XX, a estrutura produtiva do Brasil passou por transformações radicais. Deixamos de ser uma nação majoritariamente agrária para tornar-se urbana e industrializada. A partir da década de 1980, com a crise econômica que o país vivenciou (relacionada à crise da dívida externa), o setor industrial começa a decrescer gradativamente e perder força na economia brasileira. Dali em diante, por volta dos anos 1990, se inicia no país uma etapa da história marcada pela abertura econômica, ondas de privatizações (principalmente das empresas de setores chave da economia, como o energético, siderúrgico e telecomunicações) e um esvaziamento do Estado como principal articulador da economia brasileira e controlador de grandes empresas públicas. A política econômica, abalada pela crise dos anos 1980 (a chamada década perdida) que trouxe instabilidade inflacionária, restrição financeira e prejuízos imensuráveis à sociedade, passa a focar na liberalização e austeridade fiscal a fim de manter a “racionalidade”, exigida pelo denominado mercado.

Mazat e Mungioli (2019) resumem em algumas palavras esse movimento de transformação no cenário político e econômico brasileiro:

A opção brasileira foi, nesse contexto, por um caminho de maior alinhamento estrutural com a política norte-americana, evitando conflitos com a potência hegemônica e adotando, ainda que lentamente, os princípios liberais do chamado Consenso de Washington. Essa nova linha ideológica, que viria a direcionar muito da governança econômica internacional, começou a desativar algumas das instituições desenvolvimentistas que existiam no Brasil, levando também à privatização de uma série de empresas nacionais e à abertura do país ao fluxo internacional de capitais durante os anos 1990 (Mazat; Mungioli, 2019, p. 86).

Um marco importante neste processo foi o estabelecimento do Plano Real em 1994, que conteve os preços dos produtos como política de valorização cambial, mas a sua manutenção, que passou a depender cada vez mais da política de juros altos, acarretou a perda de competitividade da indústria brasileira em muitos setores, muitos deles estratégicos para a economia (Souza, 2021). Desse modo, o capital financeiro passa a superar o capital industrial como principal setor de investimentos. Começa a era do neoliberalismo no Brasil.

Com a ascensão de Lula no poder em 2003, se inicia uma tentativa de inserção econômica mundial agora dirigida por um governo de orientação progressista no espectro político. Diante das dificuldades trazidas pela ascensão neoliberal no Brasil para enfrentar o poder do capital internacional, a indústria nacional tendia a regredir em sua estrutura e capacitação produtiva, o que abria caminho para aquisições por grupos estrangeiros.

Desse modo, o fortalecimento da comercialização de commodities e a produção industrial de bens com baixo valor agregado acabou sendo uma opção viável a uma tentativa de desenvolvimento da economia brasileira (o chamado “boom” das commodities oriundo da grande demanda chinesa por produtos primários engendrou o aumento das exportações brasileiras, inclusive de carne, reduzindo uma certa vulnerabilidade brasileira no mercado exterior), agora num novo contexto político. Logo, sem muitas possibilidades de inserir empresas nacionais nas cadeias globais de alto valor tecnológico, políticas econômicas que habilitassem o capital brasileiro do setor primário, por exemplo, a competir globalmente surge como escolhas possíveis para o governo no período.

É nesse cenário, portanto, que a JBS desponta como uma das empresas nacionais selecionadas pelo BNDES para a política de campeãs nacionais. Como discorrido anteriormente, na prática, o banco procurou apoiar as companhias brasileiras no sentido da sua internacionalização e exportação de seus produtos, garantindo assim competitividade no mercado mundial. Mesmo que limitada de certa forma em termos setoriais, visto que não conseguiu desenvolver cadeias produtivas brasileiras em bens de alto valor agregado, tal política favoreceu amplamente o grupo JBS (Mazat; Mungioli, 2019, p. 114).

Posto isso, pode-se dizer que o BNDES atuou de modo a garantir ganhos de produtividade ao grupo e inseriu de forma mais qualificada a economia brasileira no sistema capitalista internacional. Entretanto, a estrutura produtiva da economia capitalista brasileira não foi transformada, seguiu dependente e periférica, aplicando-se recursos públicos no setor de commodities de baixa intensidade tecnológica, mas um setor que já era minimamente estruturado e competitivo, inserindo o país de forma mais qualificada no sistema internacional (e isso inclui acessar mercados para investimentos nos países vizinhos sul-americanos, como Argentina, Uruguai e Paraguai). É nesse

sentido em que se afirma ter sido a JBS uma escolha possível ao desenvolvimento capitalista brasileiro neste início de século XXI. Como escreveu Boito Jr. (2013), o desenvolvimento possível na fase neoliberal do capitalismo, na qual a centralidade da indústria de transformação cedeu espaço aos setores ligados às exportações de commodities.

7. BALANÇO DE INVESTIMENTOS NO MERCOSUL

Antes de apresentar o balanço e a análise dos investimentos da JBS no Mercosul, algumas ponderações devem ser feitas: o capital, caracterizado por Marx (2015) como o movimento de valorização do valor, é visto como lógica de funcionamento do capitalismo. Portanto, podemos afirmar que o objetivo, a princípio, é a expansão do próprio capital investido a partir de onde se investe. Ou seja, o investimento no exterior por parte de uma grande empresa tem clara relevância e propósito para o país de origem.

Assim sendo, quase duas décadas após o início dos investimentos visando a internacionalização da JBS, pode-se fazer o seguinte balanço acerca da evolução de seus ganhos (lucros) e da expansão territorial na América do Sul (sobretudo Argentina, Uruguai e Paraguai), sobre o amparo do banco, e cabe lembrar que o apoio do BNDES nesse período não foi destinado à expansão do grupo apenas no Mercosul, e sim em muitos países ao redor do mundo.

Tabela 1 - Expansão dos investimentos da JBS no Mercosul

EXPANSÃO DOS INVESTIMENTOS NO MERCOSUL			
Local	Ano	Empresa	Investimento
Rosário/Argentina	2005	Swift Armour	R\$187 mi
San José/Argentina	2005	Swift Armour	US\$3,3 mi
Venado Tuerto/Argentina	2006	CEPA	US\$15,7 mi
Pontevedra/Argentina	2006	CEPA	US\$27 mi
Berazategui/Argentina	2007	Consignaciones Rurales	US\$11,9 mi
Colonia Caroya/Argentina	2007	Col Car	US\$20,25 mi
Zárate/Argentina	2007	Argenvases	US\$2 mi
Asunción/Paraguai	2010	Unidade de processamento	0
San António/Paraguai	2010	Unidade de processamento	0
Belén/Paraguai	2016	Novo frigorífico JBS	US\$80 mi
Canelones/Uruguai	2009	Unidade de processamento	0

Fonte: elaboração própria do autor com base nos relatórios anuais da empresa (2023) CEPA - Companhia Elaboradora de Produtos Alimentícios

Figura 1 - Mapa da Territorialização da JBS Mercosul entre 2005 e 2017

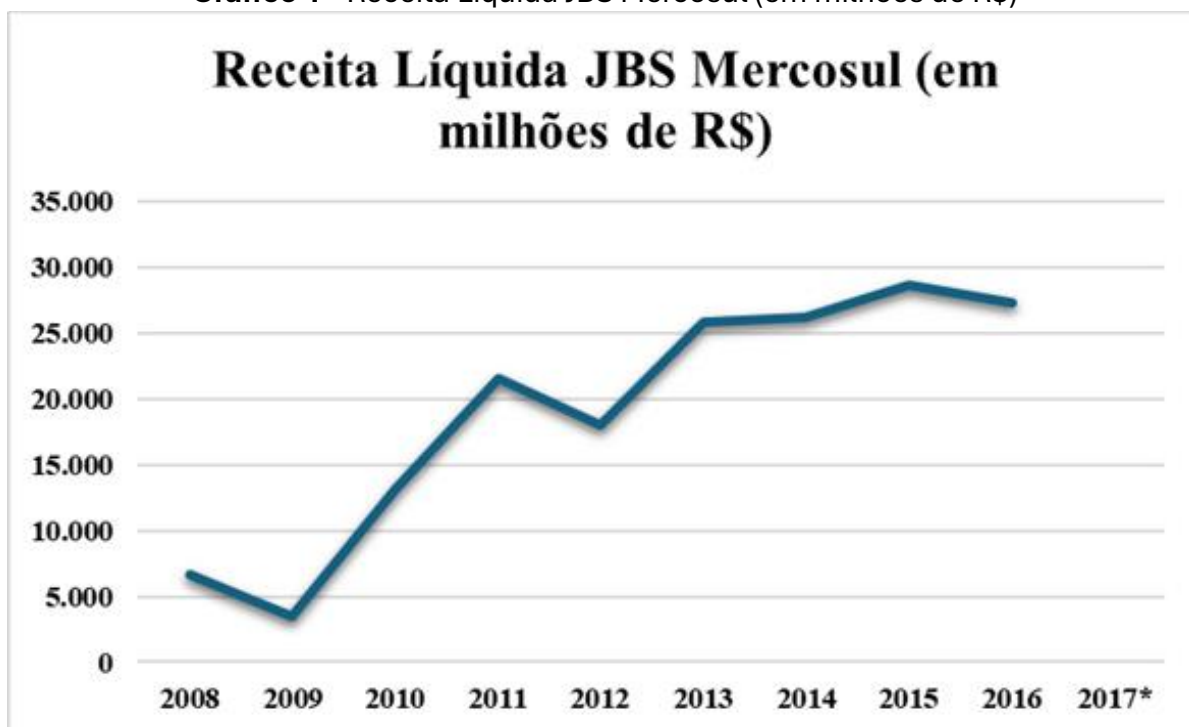
Fonte: Elaboração própria do autor (2023)

Com as aquisições de unidades de produção nos países sul-americanos, excetuando o Brasil, a JBS pôde consolidar sua expansão no Mercosul, como mostram a tabela 1 e o mapa na figura 1, o que possibilitou o acesso a grandes mercados na Europa,

Ásia, Estados Unidos e Chile visto que eram clientes que já tinham como fornecedores os frigoríficos da Argentina, Uruguai e Paraguai (JBS, 2016).

Agora, sob a ótica do desenvolvimento econômico projetado para a região, se pode dizer que o investimento de maior contribuição foi no Paraguai. Como já exposto, a construção do novo frigorífico do zero na cidade de Belén, província de Concepción, movimentou um aporte de U\$80 milhões pela JBS Mercosul. Com essa nova unidade, o país ampliou a produção de carne bovina de alta qualidade, aumentando em 75% a capacidade de abate da empresa no país e produção com destino para a União Europeia, Israel, Vietnã e Oriente Médio, além da geração de 1200 empregos diretos. Segundo matéria do site “Exame”, após a construção desta unidade da JBS, a empresa registrou alta de 12% nas exportações de carne bovina paraguaia no ano de 2016 (Exame, 2017). Nesse sentido, o investimento aproxima Brasil e Paraguai em suas relações econômicas e promove a consolidação do mercado regional fornecedor de carne ao resto do globo. A escolha geográfica do empreendimento também foi uma decisão estratégica, pois é num raio de 200km da instalação dessa unidade que se concentra grande parte do gado bovino paraguaio. Em outras palavras, a empresa tem acesso mais facilitado às suas matérias primas.

No gráfico 1 tem-se os dados da receita líquida anual da JBS Mercosul entre os anos 2008 e 2016 (as informações anteriores a 2008 não foram encontradas e após 2017 as unidades da JBS na Argentina, Uruguai e Paraguai foram vendidas). Todas as unidades operacionais da JBS Mercosul na Argentina, Uruguai e Paraguai foram vendidas por US\$300 milhões.

Gráfico 1 - Receita Líquida JBS Mercosul (em milhões de R\$)

Fonte: Elaboração própria do autor com base nos relatórios anuais da empresa (2023)

Pode-se observar um aumento expressivo, ano após ano, com algumas pequenas variações, dos valores de venda da empresa no Mercosul. Essa evolução demonstra uma efetiva melhora na produtividade, desencadeada em função da projeção global que a empresa construiu com a internacionalização do grupo, a qual o apoio do Estado brasileiro e seus mecanismos financeiros.

Quanto à empregabilidade, é no Brasil que se tem a maior quantidade de empregos, visto a nacionalidade da empresa, impactando socialmente na geração de postos de trabalho qualificados. O que significa que as críticas de que o BNDES estava apoiando investimentos no exterior, quando deveria se investir no Brasil, carece de fundamento, pois os investimentos no exterior geram ganhos para o Brasil. Se comparado com as outras nações, o Brasil é, de longe, o mais beneficiado, pois não houve grandes impactos nesse quesito na Argentina e Uruguai. Essencialmente, com respeito ao Paraguai se pode afirmar que foi beneficiado socialmente na geração de novos empregos em função da construção da nova unidade em 2016 na cidade de Belén. No caso, 1200 empregos diretos foram criados pelo empreendimento.

7.1 A EMPRESA APÓS 2016 E QUESTÕES ADVERSAS

No ano de 2017, o grupo vendeu todas suas unidades operacionais da JBS Mercosul na Argentina, Uruguai e Paraguai por cerca de US\$300 milhões, encerrando as atividades nos países vizinhos, as quais duraram pouco mais de uma década. Segundo relatório da empresa, os motivos das negociações de seus ativos nos países sul-americanos estavam associados ao fortalecimento da liquidez da empresa (JBS, 2017). Os principais donos do grupo optaram pelo pagamento de dívidas bilionárias e renegociações de financiamentos a bancos credores, tudo isso em meio a escândalos de corrupção por uso indevido de recursos públicos envolvendo nomes do governo federal, membros do BNDES e CEOs da empresa Joesley e Wesley Batista. Dessa forma, os ativos no continente sul-americano foram selecionados para serem negociados a uma marca competidora, a Minerva.

Durante os governos PT, o BNDES foi alvo de muitas críticas internas e externas quanto ao seu modo de operar e alocar recursos, sendo acusado por falta de transparência nos processos de financiamento. Ainda hoje a instituição recebe duras críticas pela sua forma de atuação, assim como por desconsiderar, de certa forma, os impactos socioambientais dos projetos que apoiou. Num contexto mundial de mudanças climáticas e pressão cada vez maior sobre os Estados para que reduzem drasticamente a emissão de poluentes que catalisam o aquecimento global, o Estado brasileiro, país onde o desmatamento de floresta nativa é o processo que mais contribui nas mudanças do clima, sob o suporte do banco, investe pesado no setor do agronegócio.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se expor a política de financiamento do BNDES para expandir o grande conglomerado empresarial da JBS, refletindo e apontando elementos presentes no processo de expansão do grupo, com destaque para o apoio estatal. Foram pontuados os limites dos investimentos tendo em vista a contribuição para os países do MERCOSUL que os receberam, assim como os limites ao desenvolvimento nos países da América do Sul, mesmo no Brasil, onde, no século passado, se levou a cabo a maior revolução

industrial da região e, neste século, operamos com a ideia de desenvolvimentismo possível (Boito Jr., 2013), que não tem a indústria de transformação como eixo principal. Não houve mudanças profundas na estrutura produtiva e a posição do Brasil na divisão internacional do trabalho, sob a hegemonia capitalista, se mantém a mesma. Não obstante, do ponto de vista econômico, o objetivo de criar uma grande multinacional brasileira foi alcançado.

Desse modo, as críticas de que o BNDES estava apoiando investimentos no exterior, quando deveria se investir no Brasil, carece de fundamento, pois os investimentos no exterior geram ganhos para o Brasil. Se comparado com as outras nações, o Brasil é, de longe, o mais beneficiado, pois não houve grandes impactos nesse quesito na Argentina e Uruguai. Essencialmente, com respeito ao Paraguai se pode afirmar que foi beneficiado socialmente na geração de novos empregos em função da construção da nova unidade em 2016 na cidade de Belén.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Darlan; GAZZONI, Marina. **Com ajuda do BNDES, donos da JBS criaram maior empresa de carnes do mundo**. G1 Economia. São Paulo. 18 maio 2017.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/com-ajuda-do-bndes-donos-da-jbs-criaram-maior-empresa-de-carnes-do-mundo.ghtml>>. Acesso em: janeiro de 2024.

BELISARIO, Mateus Zampietro. **A Relevância do Planejamento Estratégico no Processo De Internacionalização da Jbs-Friboi Mediante a Globalização Econômica**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 5, p. 518-535, 2021.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **O capital e suas metamorfoses**. São Paulo: Unesp, 2013.

_____; GALÍPOLO, Gabriel. **A escassez na abundância capitalista**. São Paulo: Contracorrente, 2019.

BNDES. **O BNDES e as exportações de serviços**. BNDES Aberto, [2019]. Disponível em: <<https://aberto.bndes.gov.br/aberto/caso/exportacao/>>. Acesso em: janeiro de 2024.

BNDES. **Relatório Anual de 2005**. Rio de Janeiro - RJ, 2006. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/917>>. Acesso em: janeiro de 2024.

BOITO JR, Armando; BERRINGER, Tatiana. **Brasil: classes sociais, neodesenvolvimentismo e política externa nos governos Lula e Dilma**. Revista de Sociologia e Política, v. 21, p. 31-38, 2013.

ESTADÃO, Conteúdo. **JBS Mercosul inicia em agosto construção de frigorífico no Paraguai**. G1 Economia, 2015 Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2015/07/jbs-mercosul-inicia-em-agosto-construcao-de-frigorifico-no-paraguai.html>> Acesso em: fevereiro de 2024.

ESTADO, Agência. **Frigorífico da JBS comprado pela Argentina em 2012 está em crise**. G1 - Globo Rural, 2013. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/06/frigorifico-da-jbs-comprado-pela-argentina-em-2012-esta-em-crise.html>> Acesso em: abril de 2024.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo, Editora Loyola, 2004.

_____. **Spaces of capital: Towards a critical geography**. Routledge, 2002.

_____. **O neoliberalismo. História e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

ISTO É DINHEIRO. **JBS: aos 70 anos, a global de alimentos dobra a aposta no Brasil**. Dezembro de 2023. Disponível em: <<https://istoedinheiro.com.br/jbs-aos-70-anos-a-global-de-alimentos-dobra-a-aposta-no-brasil/>> Acesso em: maio de 2024.

J&F, Investimentos. **Maior empregador do país**. Disponível em: <<https://jfinvest.com.br/>. > Acesso em: janeiro de 2026.

JBS. **Relatórios anuais de 2008, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017**. São Paulo. Disponível em: <<https://ri.jbs.com.br/servicos-aos-investidores/central-de-downloads/>> Acesso em: dezembro de 2023

JBS. **Nossas marcas**. Disponível em: <<https://jbs.com.br/marcas/>> Acesso em: novembro de 2023.

LAIER, Paula Arend. **Exportação da JBS no Paraguai cresce 12% em 2016**. Exame, 2017. Disponível em <<https://exame.com/negocios/exportacao-da-jbs-no-paraguai-cresce-12-em-2016/>> Acesso em: abril de 2024.

MALAGOLINI, Anny. **Com investimentos de US\$ 80 milhões, JBS inaugura unidade no Paraguai - CREDITO: CAMPO GRANDE NEWS**. Campo Grande News, 2016. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/economia/com-investimentos-de-uss-80-milhoes-jbs-inaugura-unidade-no-paraguai>>. Acesso em: abril de 2024.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. Boitempo Editorial, 2015.

MAZAT, N.; MUNGIOLI, R. P. **O desenvolvimentismo possível? Política de campeões nacionais e inserção internacional do Brasil em inícios do século XXI**. Dissertação de Mestrado em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro – RJ. 139 p. 2019.

MDIC. **Estratégia Brasileira de exportação 2008-2010**. MDIC, 2008. Disponível em: <https://www.comexresponde.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnL_1220468182.pdf>

NETO, Onofre Aurélio. **A estratégia espacial de internacionalização de empresas brasileiras do setor frigorífico: os casos da JBS e da Minerva**. Bol.Goia. Geogr. 2019, v. 39. 2019.

NOVOA GARZON, Luis Fernando. BNDES: processo decisório por subtração (2003-2014). **C. Vainer e F. Braga Vieira (Orgs.), BNDES: grupos econômicos, setor público e sociedade civil**, p. 129-161, 2017.

ROCHA, D. C. C. **Internacionalização de empresas, Estado e desenvolvimento: a internacionalização das empresas brasileiras na América do Sul (2003-2014)**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara. 2018.

SOUZA, A. M. **Dependência e governos do PT**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

VIANA, Júlio. **Quem é a JBS: saiba quais são as marcas que fazem parte do grupo**.

Revista Galileu, 2017. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/quem-e-jbs-saiba-quais-sao-marcas-que-fazem-parte-do-grupo.html>>. Acesso em: janeiro de 2024.

VIEIRA, Daniel Cordeiro. **A territorialização da JBS no Brasil e na Argentina e seu impacto internacional**. Dissertação de Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). São Paulo - SP. 120 p. 2019.

VINHAL, Larissa da Fonseca. **A importância de um estado empreendedor para internacionalização de empresas: um estudo do caso brasileiro de internacionalização a partir da década de 1990**. (Orientador: Professor Marcelo Gonçalves do Valle). 2020. 62 p. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020.

GEOECONOMIC EXPANSION OF THE MULTINATIONAL CORPORATION JBS IN MERCOSUR (2005-2023)

ABSTRACT

This article analyzes the internationalization and expansion of the Brazilian multinational corporation JBS in Mercosur at the beginning of the twenty-first century, particularly between 2005 and 2017. It examines the company's trajectory from the perspective of Brazilian economic development, guided by the following question: was it advantageous for the Brazilian State to invest in a company that would later become a major multinational in the food industry? Harvey (2004) was used to contextualize the changes in monopoly capitalism over recent decades, while Belluzzo (2013) and Belluzzo and Galípolo (2019) provided the basis for understanding financialization and the preference for acquiring existing wealth rather than making new productive investments, features that characterize the neoliberal phase of capitalism. The article also addresses the Brazilian State's role in fostering this process through the BNDES, drawing on Rocha (2018) and Souza (2021; 2010). The group's annual reports were consulted for the collection of empirical data. Rather than judging the BNDES financing policy for the expansion of the JBS business conglomerate as either good or bad, the article reflects on the limits to development in South American countries. From an economic perspective, the objective of creating a major Brazilian multinational was achieved.

Keywords: Internationalization; Expansion; BNDES; JBS; Workers' Party governments.

EXPANSIÓN GEOECONÓMICA DE LA MULTINACIONAL JBS EN EL MERCOSUR (2005-2023)

RESUMEN

Este artículo analiza la internacionalización y la expansión de la multinacional brasileña JBS en el Mercosur a comienzos del siglo XXI, especialmente entre 2005 y 2017. Se propone investigar la trayectoria de la multinacional desde la perspectiva del desarrollo económico brasileño, a partir de la siguiente pregunta: ¿fue ventajoso para el Estado brasileño invertir en una empresa que posteriormente se convertiría en una gran multinacional del sector alimentario? Se recurrió a Harvey (2004) para contextualizar los cambios del capitalismo monopolista en las últimas décadas, así como a Belluzzo (2013) y a Belluzzo y Galípolo (2019) para comprender la financiarización y la preferencia por la riqueza ya existente, en lugar de nuevas inversiones productivas, rasgos que caracterizan la fase neoliberal del capitalismo. También se analizó el

papel impulsor del Estado brasileño, por medio del BNDES, a partir de las contribuciones de Rocha (2018) y Souza (2021; 2010). Para la recopilación de datos empíricos, se consultaron los informes anuales del grupo. No se pretendió calificar como buena o mala la política de financiamiento del BNDES destinada a expandir el gran conglomerado empresarial JBS, sino reflexionar sobre los límites del desarrollo en los países de América del Sur. Desde el punto de vista económico, se alcanzó el objetivo de crear una gran multinacional brasileña.

Palabras clave: Internacionalización; Expansión; BNDES; JBS; Gobiernos del PT.

Recebido em: 29/12/2025

Aceito em: 27/01/2026